

REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE A PEÇA “A REVOLUÇÃO DAS MULHERES”, DE ARISTÓFANES

*ALINE TEIXEIRA LEAL NUNES
BRUNO LIMA DE OLIVEIRA
DANIEL MEDEIROS DE ALBUQUERQUE
DÉBORA ALCÂNTARA RODRIGUES
EGBERTO MAZARO MARTINS
GABRIELA GOMES COSTA
ÍTALO LIMA DE PAULA MIRANDA
JANAÍNA SENA TALEIRES
JOSÉ WALLY GONZAGA NETO
RAPHAEL BRUNO DE OLIVEIRA SILVA
ROBERTA MEDEIROS DE QUEIROZ
SARA CORDEIRO FELISMINO
SARA MOREIRA DE SOUZA
THAÍS BORGES DA GAMA¹*

RESUMO

Introdução. Teatro Grego. Função social do teatro. Aristófanes e a comédia grega. A retórica, os sofistas e o direito. Aspectos da democracia ateniense em A Revolução das Mulheres. Situação da mulher antes e depois da revolução. Conclusão. Referências.

1 Introdução

Sem desconsiderar a contribuição das civilizações anteriores à grega para o desenvolvimento da ciência, da arte, da medicina, por exemplo, nem entrar no mérito da dívida que a civilização grega tem para com as orientais ou com o povo bárbaro, há de se conferir grande importância ao legado deixado pelos gregos para a cultura ocidental, seja em relação ao pensamento

¹ Alunos da disciplina Introdução à Filosofia e à Epistemologia, da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC)

racional (ciência, filosofia), seja pela invenção do modo de organização da vida social (moral, política) ou seja, ainda, pela criação das regras da arte (estética, poética, retórica).

Neste trabalho, afastadas as querelas dualistas que opõem oriente e ocidente ou qualquer tipo de explicação preconceituosa para a superioridade dos gregos, partiu-se do reconhecimento da enorme importância da arte grega, enquanto expressão da glorificação do humano e da vida social concreta.

No campo da literatura encontram-se desde os poemas épicos – a *Ilíada* e a *Odisseia* – até o que se considera a suprema realização literária dos dramas trágicos gregos, surgidos por volta do séc. V a.C., cujas grandes obras são as de Ésquilo (*Prometeu Acorrentado*, por exemplo), de Sófocles (como *Édipo-Rei*), de Eurípides (a exemplo de *Medeia*). Também a comédia, considerada inferior à tragédia, mas que teve seu significado e segue influenciando as obras deste gênero. Um de seus maiores representantes foi Aristófanes, que viveu, aproximadamente, entre 448-380 a.C. e produziu peças que representam sátiras, por exemplo, aos ideais políticos de seu tempo, como se pôde atestar no estudo da obra “*A Revolução das Mulheres*” que se constitui objeto de reflexão deste trabalho.

Essa peça busca mostrar as mazelas da sociedade ateniense do século V a.C. Para isso, o autor colocou como centro da narrativa um grupo de mulheres que, disfarçadas de homens, fazem com que seja aprovado, na Assembléia, um projeto para que o governo passe a ser exercido por elas. Além da participação política, essas mulheres buscam, com a revolução, mudar o quadro de insatisfação existente em relação ao governo dos homens, procurando construir uma sociedade igualitária. No entanto, percebe-se que, ao chegarem ao poder, as mulheres não conseguem se desprender da estrutura social em que estavam inseridas, a qual era caracterizada pela desigualdade entre as pessoas e o autoritarismo de alguns homens em relação a ou-

tros, e, por isso, acabam repetindo os mesmos erros cometidos pelos antigos governantes, tendo atitudes arbitrárias e abusando do poder.

Este trabalho está dividido em quatro tópicos. No primeiro, faz-se uma abordagem acerca do teatro grego e de sua importante função social, buscando-se contextualizar histórica e socialmente o período em que a obra “A Revolução das Mulheres” foi escrita.

No segundo, discorre-se sobre os aspectos da retórica, arte da eloquência desenvolvida pelos sofistas, utilizada nos discursos de alguns personagens, em especial nos da Valentina, com o objetivo de persuadir os membros da Assembléia para que o governo fosse entregue às mulheres. Nesse tópico, ressalta-se, também, a importância da utilização da retórica no ambiente jurídico, onde muitos operadores utilizam tal arte, quando vão defender suas teses, a fim de convencer os demais.

No terceiro, faz-se uma análise da democracia ateniense, a qual serve de pano de fundo para o desenrolar da peça, buscando-se mostrar as características desse regime político e suas limitações.

No quarto, trata-se da situação de submissão da mulher ateniense, que vivia reclusa, cuidando dos afazeres domésticos, enquanto os homens participavam das decisões políticas e realizavam atividades físicas. Além disso, faz-se uma análise sobre os motivos que levaram as mulheres, na obra em estudo, a realizarem a revolução.

2 O Teatro Grego

2.1 Função social do teatro

No século VI a.C., na Grécia, surge o primeiro ator Téspis. Entre os séculos VI a.C. e V a.C., em Atenas, é organizado o

primeiro concurso dramático (534 a.C.), pelo tirano Pisístrato. Vários aspectos da sociedade helênica eram abordados tanto pelas grandiosas tragédias quanto pelas irreverentes comédias. Enquanto aquelas tratavam os assuntos da vida pública de forma mais séria, estas, através de sátiras, criticavam vigorosamente a política e os costumes do povo grego, como afirma Werner Jaeger:

Quando (a comédia) o achava justo, censurava, não só os indivíduos, não só esta ou aquela atividade pública, mas também a orientação geral do Estado ou o caráter do povo e as suas fraquezas. Controlava o espírito do povo e metia a foice na educação, na filosofia, na poesia e na música (Jaeger, 1936, p. 391).

A visão crítica estimulada pelo teatro grego acerca de temas variados era um convite a discussões políticas e reflexões de cunho filosófico. Em “Teogonia”, por exemplo, Hesíodo escreve sobre o nascimento dos deuses, evidenciando uma busca por explicações, ou seja, laivos de filosofia. Dessa forma, pode-se dizer que o teatro, juntamente com o mito, a poesia e a religião, foi uma das formas de expressão cultural que preparou o advento da Filosofia Ocidental.

2.2 Aristófanés

Aristófanés (448-380 a.C) nasce em Atenas, Grécia. Pouco se conhece de sua vida, mas, pela cultura e críticas à ignorância manifestadas em suas obras, infere-se que teve boa educação. Chegam-nos, integralmente, onze de cerca de quarenta peças; das restantes, só fragmentos. Pai da comédia clássica, suas obras são, em geral, sátiras mordazes dos costumes da sociedade e dos vícios do sistema política vigente.

Em “A Revolução das Mulheres”, Aristófanés critica violentamente os políticos da época, o que fica evidente na passagem seguinte: “Todas as leis, quando bem examinadas, parecem ter sido feitas por bêbedos bem perto da demência!”. De-

nunciava também a corrupção vigente entre os políticos e o des-caso destes para com a população: “Como sempre, os políticos tratavam da... criação de mil cargos de assistentes sexuais para deputados, de aumento de subsídios, de férias de 300 dias por ano etc”.

Vale a pena ressaltar que o texto reafirma a idéia de que as pessoas somente cumprem as leis quando é conveniente para elas ou, em outros casos, tentam contorná-las, buscando brechas nelas. Tal postura é evidente em alguns personagens, como o homem que não queria doar seus bens para o fundo comum, mas queria saborear o banquete servido na praça pública, bem como o rapaz que aproveitara o jantar público, mas não queria obedecer a lei que dizia que ele deveria satisfazer uma mulher mais velha antes de uma mais jovem.

O abuso do poder também é abordado nessa obra. Inicialmente, os homens são os acusados de tal atitude. No entanto, ao final da história, Valentina toma uma decisão arbitrária, abusa do poder, mostrando-se corrompida por ele. Ela diz: “Afinal de contas, eu não ia fazer a revolução para aprontar a cama para as outras deitarem!”.

Aristófanés, além de provocar risos na platéia, visava também conscientizar as massas acerca desses temas. Queria, sobretudo, provocar discussões filosóficas e políticas.

3 A Retórica, os Sofistas e o Direito

Tendo como berço a Grécia Antiga, por volta do século V a.C., a retórica (originária do grego *rhetoriké*, “arte da retórica”), em sentido lato, consiste na arte da eloquência em um discurso com o objetivo de persuadir a platéia a qual o discurso é dirigido. A retórica é uma atividade que valoriza a gramática e a dialética em detrimento do conteúdo. Dessa forma, aqueles que exercem tal atividade podem defender teses verdadeiras ou

falsas com igual sucesso. Eles almejam, sobretudo, modificar não só as convicções, mas também as atitudes dos seus ouvintes. “Nos debates travados na assembléia do povo ou noutra qualquer assembléia de massas, para escolher a quem se dará a direção de determinado cargo, não será o perito, mas sim o retórico, quem se imporá”. (Górgias 456 B 6-c, citado em Paidéia, p 606).

O pleno desenvolvimento da retórica ocorreu somente após a consolidação da democracia ateniense. Os cidadãos atenienses participavam ativamente da vida pública, o que lhes exigia uma certa habilidade argumentativa.

O adestramento do ateniense na arte de argumentar era necessidade imposta pelo exercício das liberdades publicas que se definia essencialmente por sua integração na vida da polis. [...] Falar bem, com clareza e desenvoltura, a fim de imprimir confiança e, assim, convencer os ouvintes das verdades proferidas, eis a inspiração principal do político ateniense.(Vasconcelos, 1998. 64 e 65).

Em “A Revolução das Mulheres”, fica claro o uso da retórica no começo do discurso proferido, em tom oratório, pela 1ª mulher: “Agradar-me-ia mais que alguém, mais eloquente e com idéias mais claras, viesse falar-lhes, permitindo-me continuar tranqüilamente sentado em meu lugar”.

Outro importante momento em que percebemos a prática da arte da retórica nessa obra de Aristófanes é quando a personagem Valentina apresenta para as mulheres o que ela pretende discursar na assembléia:

Elevo meu pensamento aos céus: que

nossos projetos se realizem! Sou igual a todo mundo, mas não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição em que se encontra a administração do país. [...] Quanto ao resto, nem vou falar. Se vocês acreditarem em mim serão felizes pelo resto da vida!.

Falando com eloquência, escolhendo as palavras certas durante a assembléia e contando com o apoio de suas correligionárias, Valentina conseguiu que o governo fosse entregue às mulheres, como haviam planejado. Admirada pelo discurso de Valentina, a 1ª mulher elogiou-a, chamando-a de tão bem-falante e esperta. O que normalmente aprendia-se com os sofistas sobre política e oratória, Valentina aprendeu com seu marido, sem que este percebesse.

Coube aos sofistas, mestres da cultura geral e do bem falar, o papel de ensinar aos jovens ávidos pelo poder político a arte da política e algumas habilidades indispensáveis para a formação de um bom cidadão, entre as quais destacava-se a retórica, extremamente útil para persuadir com êxito membros de uma assembléia. Esse fato fica evidente na seguinte passagem da página 89 do livro “Direito, humanismo e democracia”, de Arnaldo Vasconcelos: “A maioria deles (os sofistas), aliás, apresentavam-se como professores de retórica, mestres da deslumbrante arte de persuadir”. Os sofistas são, portanto, considerados os primeiros protagonistas importantes na história da retórica.

Valentina, utilizando-se da arte da persuasão para mudar a opinião de seus ouvintes de acordo com o seu interesse, exerce um papel equivalente ao dos sofistas da Grécia Antiga e ao dos juristas modernos. Técnicas argumentativas são utilizadas com frequência no universo jurídico. O conhecimento da arte da retórica é extremamente útil tanto para o advogado ou promotor defender suas teses em um tribunal quanto para o juiz distin-

guir uma falácia de uma tese verdadeira.

Outros temas relacionados ao Direito em “A Revolução das Mulheres” estão presentes no seguinte trecho: “Diante da intransigência das cidadãs e tendo em vista o artigo da lei segundo o qual os casos omissos serão resolvidos pela chefe do governo e, mais ainda, que o espírito da lei é mais importante que a sua letra...” Nessa passagem, percebe-se que, para Valentina, o sistema jurídico do governo das mulheres é incompleto, pois ela afirma que há casos que a lei não prevê. Também fica evidente a supremacia da chefe do governo sobre o Direito, pois esta pode decidir, arbitrariamente, os casos omissos. Além disso, há laivos da teoria juspositivista nesse trecho, uma vez que Valentina afirma que a lei tem um espírito, uma essência, ou seja, um significado nela mesma.

Por abordar temas relacionados ao uso da retórica, ao papel dos sofistas e ao Direito, entre outros, essa fantástica obra de Aristófanes é objeto de estudo tanto de filósofos como de estudantes de Direito.

4 Aspectos da Democracia Ateniense em “Revolução das Mulheres”

A origem da democracia ateniense contextualiza-se em um período de crise social resultante dos confrontos de interesses políticos e econômicos entre os grupos que compunham a sociedade grega do século VI a.C. A insatisfação gerada por essa situação fez eclodir uma revolta, liderada por Clístenes, a qual inaugura o período democrático.

Tal regime político embasava-se nos princípios da isonomia, igualdade de todos perante a lei; isotimia, liberdade de todos de participar dos cargos públicos, e isagoria, igualdade de todos quanto ao direito de pronunciar-se nas assembléias e debater acerca dos negócios do governo. No entanto, é impor-

tante ressaltar que, a palavra “*todos*” não corresponde a todos os habitantes da *polis*, mas apenas aos cidadãos. Isso porque mulheres, escravos e estrangeiros estavam excluídos do conceito de cidadania, o qual se restringia a homens adultos que tivessem nascido na polis e fossem filhos de pais e mães atenienses.

Dessa forma, embora seja o símbolo do poder emanado do povo, se for feita uma comparação com a acepção contemporânea de regime democrático, constata-se que o modelo ateniense de governo, na verdade, constituía uma oligarquia, uma vez que apenas uma parcela mínima da população era considerada cidadã e, como tal, podia exercer seus direitos.

A democracia ateniense caracterizava-se por ser direta e participativa, ou seja, os cidadãos participavam dos assuntos políticos, votando as decisões. Para isso, eles se reuniam em assembleias, no *Ágora*, praça pública existente em todas as cidades gregas. Citando Paulo Bonavides, “o *Àgora*, na cidade grega, fazia pois o papel do Parlamento nos tempos modernos” (2005, p. 268).

A comédia “*A Revolução das Mulheres*” trata da questão da democracia ateniense. Aristófanes faz, nessa peça, uma abordagem crítica das diferenças existentes entre homens e mulheres em relação ao direito de participação no processo político. Assim, coloca como personagens mulheres que, disfarçadas de homens, levam à assembleia e aprovam um projeto para que o governo passe a ser administrado por elas. “Vamos para a assembleia! Vamos depressa tomar conta dos lugares! Vamos votar, de braços erguidos!”, falam as mulheres, a caminho da assembleia. A personagem Valentina, em seu discurso, afirma: “É às mulheres, às mulheres – repito – que devemos entregar o Governo, da mesma forma que confiamos a elas a direção dos nossos lares!”.

A sociedade oriunda de tal revolução seria caracterizada pelo igualitarismo. Todos teriam de entregar os bens para o go-

verno para que fosse criado um fundo comum. Assim, quando uma pessoa estivesse necessitando de algo, iria ao fundo comum, onde receberia o bem de que estava precisando. Pode-se perceber esse ideal de igualdade na seguinte passagem: “(...) todos terão de entregar seus bens ao governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles (...) Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos!”.

Observa-se, no entanto, que, apesar dessa tentativa de construir uma sociedade igualitária, a “democracia das mulheres” continua sendo escravista, como se pode constatar na fala da protagonista Valentina, quando ela é indagada sobre quem cultivará a terra: “Os escravos. Seu único trabalho [o do cidadão] será aprontar-se para o jantar coletivo quando forem seis horas”.

Paulo Bonavides, analisando a democracia ateniense, afirma que o fato de ser escravista foi exatamente um dos fatores que possibilitaram a esta ser direta e participativa. Segundo ele, era a “base social escrava que permitia ao homem livre ocupar-se tão-somente dos negócios públicos, numa militância rude, exaustiva, permanente, diuturna” (2005, p.269).

Dessa forma, embora a sociedade pós-revolucionária desse oportunidade a um novo grupo de participar dos assuntos políticos, esta continuava não representando uma democracia na acepção etimológica da palavra, ou seja, um governo de todos. Isto porque homens que antes participavam das assembleias, estrangeiros e escravos ficariam à parte das decisões, como fica evidente na passagem: “Quer dizer que as mulheres agora estão encarregadas de fazer tudo que os homens faziam? Exatamente”. E, como se sabe, democracia significa governo do povo e não em nome do povo. Assim, tal forma de governo somente alcançaria a perfeição se não fosse excludente; se, quando Valentina afirmasse: “Não adianta discutir. A maioria decidiu”, essa maioria representasse a maioria de todos os habitantes da polis.

5 SITUAÇÃO DA MULHER ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO

A sociedade ateniense caracterizava-se por ser predominantemente masculina. Nela, a mulher era vista como um ser inferior ao homem, não possuindo, por esse motivo, qualquer direito político dentro da democracia ateniense. Essa idéia de inferioridade da mulher pode ser observada dentro da própria filosofia. Aristóteles, por exemplo, em sua obra *A Política*, afirma: “em todas as espécies, o homem é superior a fêmea: a espécie humana não é exceção”. Trasímaco, sofista da segunda geração, também corrobora com tal idéia. Ao ser adepto do Jusnaturalismo Conservador, tal filósofo defende que a natureza fez os homens desiguais, sendo alguns fortes e outros fracos.

Assim, o papel social das mulheres restringia-se, geralmente, aos afazeres domésticos. Viviam reclusas em casa cozinhando, tecendo e educando os filhos. Aliás, eram praticamente cativas e submetidas à vigilância. Os homens, em contrapartida, praticavam exercícios físicos e realizavam discussões públicas. “É sabido que na antiga Atenas a mulher vivia quase sempre num estado de incultura física e espiritual, inteiramente dedicada às lides da casa” (Jaeger; 1936, p.765).

É importante ressaltar, porém, que tal situação somente ocorria no seio de famílias ricas, uma vez que as necessidades da vida obrigavam as mulheres de classes inferiores a trabalhar fora de casa, no mercado ou nos campos.

O casamento era uma forma de aliança entre famílias cujo objetivo era a preservação dos vínculos. Nessa instituição, a vontade da mulher não era levada em consideração. Ao casar, a única alteração ocasionada na vida dela era que, agora, passaria a viver em função de um novo homem e iria cultuar outros antepassados, os quais não eram de sua família, mas sim, da de seu marido.

Em “A Revolução das Mulheres”, percebe-se essa situação de submissão e reclusão em que se encontravam as mulheres atenienses, na seguinte passagem de um discurso da Valentina: “Elas [as mulheres] cozinham como antigamente, fazem bolo como antigamente, amolam os maridos como antigamente”.

Nessa comédia, Aristófanes põe, como centro de sua narrativa, um grupo de mulheres que resolvem tomar o poder político dos homens, por considerarem que estes não administram a *polis* em benefício da sociedade. Valentina, por exemplo, em seu discurso, afirma: “(...) não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição em que se encontra a administração do país. Vejo-o sempre entregue a maus dirigentes”.

Contrariadas com tal quadro, as mulheres fazem com que o poder político seja entregue a elas. Crêem que uma administração feminina iria resolver os problemas existentes, pois as mulheres “são um prodígio de bom senso; não processam ninguém, não falam mal da vida alheia, não entram em golpes contra a democracia (...)”.

Elas buscam, com a revolução, mudar o quadro de insatisfação existente, tentando construir uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, os objetivos alcançados são limitados, uma vez que elas apenas fazem uma revolução política, não se preocupando em realizar uma revolução humana. O que se logra é apenas a participação política das mulheres, não havendo transformações na estrutura social, uma vez que continua existindo desigualdade entre as pessoas. Na verdade, ocorre apenas uma transferência de papéis dos homens para as mulheres, passando a caber a estas, e não mais àqueles, estabelecer as regras de convivência da sociedade. Assim, como as mulheres continuam inseridas no mesmo sistema social, acabam agindo de forma semelhante aos homens, tendo atitudes autoritárias e arbitrarias. Pode-se perceber tal situação quando Valentina abusa

de sua autoridade de chefe para ficar com o rapaz, ao final da peça, afirmando “Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai resolver o meu! Afinal de contas, eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem!”.

6 Conclusão

A peça de Aristófanos “A Revolução das Mulheres” é uma obra extremamente rica, pois engloba vários aspectos da cultura grega, como a filosofia, a política, a moral e a retórica, que até hoje influenciam a cultura ocidental. No presente trabalho, estudaram-se tais aspectos da cultura grega, que foram sempre abordados no contexto da obra em questão.

O primeiro aspecto cultural grego estudado foi o teatro, enfatizando-se a sua função social e as características da obra de Aristófanos. Através desse estudo foi possível compreender a natureza do conteúdo satírico dessa obra, classificada como comédia grega.

Em um segundo momento, buscou-se explicitar neste trabalho a relação entre a retórica, os sofistas e o direito e entre esses temas e a peça em questão. A relação entre esses três temas também é objeto de estudo do curso de direito. Dessa forma, ficou evidente o porquê dessa obra ser estudada tanto por estudantes de filosofia quanto por estudantes de direito.

A Democracia Ateniense é outro tema sobre o qual discorreu-se neste trabalho. Foi traçado um paralelo entre a Democracia Ateniense e a organização política anterior e posterior à revolução das mulheres, explicitando-se o que mudou e o que permaneceu inalterado no governo pós-revolução.

O último tema abordado é a condição da mulher antes e depois da revolução. Vivendo em uma sociedade patriarcal, as mulheres, não suportando mais sua condição submissa, tomam o governo, invertendo-se os papéis. Porém, o governo pós-revo-

lucionário, mesmo governado por mulheres, acaba caindo nos mesmos vícios do governo dos homens.

Percebe-se, pois, através deste trabalho, que a peça grega “A Revolução das Mulheres”, mesmo tendo sido escrita séculos atrás, continua tratando de temas atuais da sociedade, seja ela a grega ou a contemporânea.

7 REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim Santos Leão et al. **História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. 18ªed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 11ª ed, São Paulo: Malheiros, 2005.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga** (trad. Jean Meuville). São Paulo: Martim Claret, 2004.

JAEGER, Werner. **Paidéia. A Formação do Homem Grego** (trad. Artur M Parreira). São Paulo: Herde, 1936.

VASCONCELOS, Arnaldo. **Direito, Humanismo e Democracia**. São Paulo: Malheiros, s.d., 1998.

www.oficinadeteatro.com - acesso em 31/03/05 às 13:22

www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/direito/pet_jur/c1gpache.html - acesso em 10/04/05 às 09:55

www.reinerio.hpg.ig.com.br/Sofistas.htm - acesso em 10/04/05 às 09:40